

volume

29/2

jul/2024

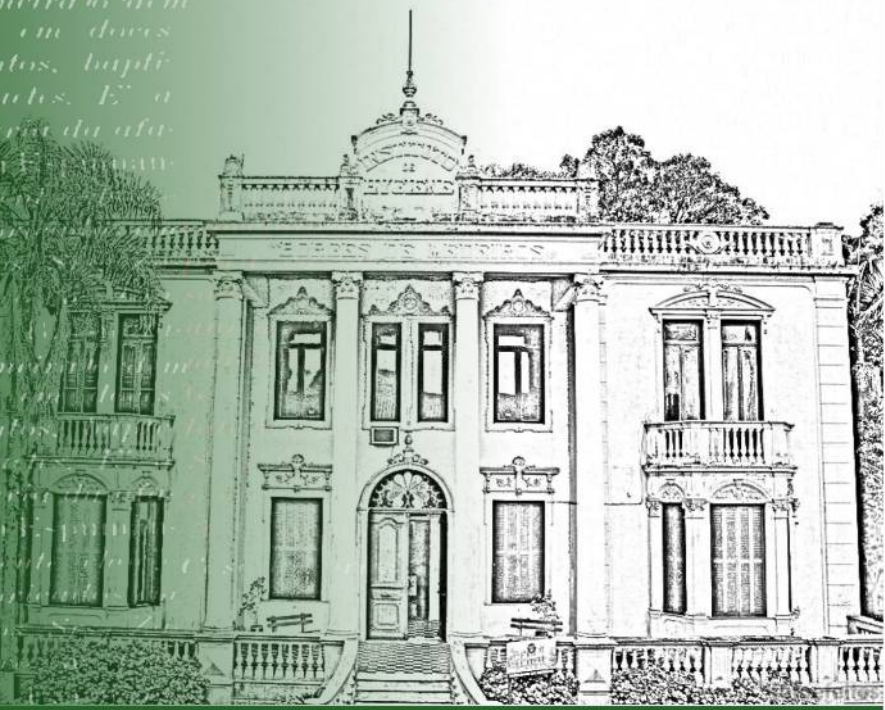
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

**Patrimônio Cultural da Saúde e da Assistência:
reflexões sobre um campo multidisciplinar**

*Esta é a primeira de uma coleção primeira de doc
especialidades em doc especialidades em doc
para casamentos, baptipara casamentos, bapti
sudos e banquetes. É usado e banquetes. É a
única depositaria da afaúnica depositaria da afa
nada Guarana Espumamada Guarana Espumam
te e do excelente chove e do excelente ch
lab Laeta, fabricados culab Laeta, fabricados
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelo Srs. Zos,
nolla Loureiro & Cagnolla Loureiro & Cagnolla
.I. Confeitaria Brasileira. I. Confeitaria Brasileira.
Esta é a primeira de uma coleção primeira de doc
especialidades em doc especialidades em doc
para casamentos, baptipara casamentos, bapti
sudos e banquetes. É usado e banquetes. É a
única depositaria da afaúnica depositaria da afa
nada Guarana Espumamada Guarana Espumam
te e do excelente chove e do excelente ch
lab Laeta, fabricados culab Laeta, fabricados
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelo Srs. Zos,
nolla Loureiro & Cagnolla Loureiro & Cagnolla
.I. Confeitaria Brasileira. I. Confeitaria Brasileira.*





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Rosane Maria dos Santos Brandão

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e Anelise Levay Murari

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof^a. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof^a. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Prof^a. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Prof^a. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Prof^a. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Prof^a. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Prof^a. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de
Uberlândia)
Prof^a. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof^a. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Prof^a. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Prof^a. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Prof^a. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)
Prof^a. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof^a. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de
Évora)
Prof^a. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do
Minho)
Prof^a. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de
La Pampa – AR)
Prof^a. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Prof^a. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Eliane Cristina Deckmann Fleck – UFPel
Joana Balsa de Pinho – Universidade de Lisboa

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Prédio da Faculdade de Medicina da UFPel
desde a fundação do curso. Acervo UFPel.

Pareceristas ad hoc: Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) |
Angela Beatriz Pomatti (MUHM) | Beatriz T. Weber (UFSM)
| Daiane Rossi (Universidade Franciscana - UFN) | Daniel
Oliveira (UNISINOS) | Everton Quevedo (CENTRO
UNIVERSITÁRIO CESUCA/ CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO CASA DA MEMÓRIA UNIMED
FEDERAÇÃO/RS) | Gisele Sanglard (FIOCRUZ) | Gláucia
Linxinski de Lima (MUHM) | Jaqueline Hasan Brizola
(FIOCRUZ) | José Carlos Cardozo (FURG) | Luiz Otávio
Ferreira (FIOCRUZ) | Marta Lobo (Universidade do Minho
- UMINHO) | Renato da Gama-Rosa Costa (FIOCRUZ) |
Ricardo Batista (UNEB) | Véra Maciel Barroso (ARQUIVO
HISTÓRICO DA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE) |
Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2024/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer
Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso
| International Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Patrimônio Cultural da Saúde e da Assistência : reflexões sobre um campo multidisciplinar) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.29, n.2, jul. 2024. – Pelotas: UFPel/NDH, 2024 –
178 p. ; 5,71 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Patrimônio 3. Saúde

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i> <i>Joana Balsa de Pinho</i>	07
RECONHECENDO UM PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE: O CASARÃO DO LAZARETO EM NOVA FRIBURGO/RJ RECOGNIZING A CULTURAL HERITAGE OF HEALTH: THE CASARÃO DO LAZARETO IN NOVA FRIBURGO/RJ. <i>Anne Thereza de Almeida Proença</i>	11
ENTRE MODERNISMO E MODERNIDADE: A ESCOLA DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO BETWEEN MODERNISM AND MODERNITY: THE SCHOOL OF NURSING OF SÃO PAULO <i>Paulo Fernando de Souza Campos</i>	28
CONSTRUÇÕES “MODELO” PARA A SAÚDE DURANTE O ESTADO NOVO NO RIO GRANDE DO SUL “MODEL” HEALTHCARE BUILDINGS DURING THE ESTADO NOVO IN RIO GRANDE DO SUL <i>Cristiano Enrique de Brum</i>	51
ARQUITETURA DA SAÚDE NO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ ENTRE OS ANOS DE 1940 E 1950 HEALTH ARCHITECTURE IN THE FEDERAL TERRITORY OF AMAPA BETWEEN THE 1940 ^s AND 1950 ^s <i>Dinah Reiko Tutyia</i> <i>Carina Regina Quaresma</i>	71

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS COMO PATRIMÔNIO DA SAÚDE. UM LEGADO DE FREI ALBERTO BERETTA EM GRAJAÚ, ESTADO DO MARANHÃO.

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS AS HEALTHCARE HERITAGE. A LEGACY OF FREI ALBERTO BERETTA IN GRAJAÚ, STATE OF MARANHÃO.

Paula Regina Pereira dos Santos Marques Dias

96

O TEMPO SUSPENSO. DOS RITUAIS HISTÓRICOS DO TERMALISMO AO PATRIMÓNIO ASSOCIADO EM PORTUGAL

THE SUSPENDED TIME. FROM THE HISTORICAL RITUALS OF THERMALISM TO THE ASSOCIATED HERITAGE IN PORTUGAL

Jorge Mangorrinha

118

UM OLHAR HUMANISTA SOBRE A FORMAÇÃO MÉDICA E A LEITURA DO LIVRO "UMA CASA CHAMADA LEIGA"

A HUMANISTIC LOOK AT MEDICAL TRAINING AND READING THE BOOK "A HOUSE CALLED LAYMAN"

Paulo Koschier

139

A TRAJETÓRIA DE EDSON TADEU HOLTHAUSEN NA INSTITUIÇÃO PRÓ-ENSINO SUPERIOR NO SUL DO ESTADO (IPESSE) E NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

THE TRAJECTORY OF EDSON TADEU HOLTHAUSEN AT THE PRO-HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN THE SOUTH OF THE STATE (IPESSE) AND AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS (UFPEL)

Lorena Almeida Gill

Elisiane Medeiros Chaves

145

ENTRE MODERNISMO E MODERNIDADE: A ESCOLA DE ENFERMAGEM DE SÃO PAULO

BETWEEN MODERNISM AND MODERNITY: THE SCHOOL OF NURSING OF SÃO PAULO

Paulo Fernando de Souza Campos

Resumo: O presente artigo relacionou a modernidade da enfermagem profissional com o modernismo do prédio da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo tombado como patrimônio histórico-arquitetônico. Considerou-se, reforçando pressupostos sobre o tema, que a construção do edifício rompeu o padrão tradicional em relação à arquitetura hospitalar, refletindo o ensino de enfermagem e o lugar do feminino no Estado Novo. A partir de uma documentação histórica diversa, o artigo destacou efeitos de sentido da modernização do Estado brasileiro refletidos na arquitetura e na enfermagem, reiterando a primazia do edifício modernista como patrimônio da arquitetura hospitalar no Brasil pós-1930.

Palavras-chave: História da Saúde; Patrimônio Cultural Arquitetônico; Escola de Enfermagem de São Paulo.

Abstract: This article related the modernity of professional nursing with the modernism of the University of São Paulo Nursing School building listed as historical-architectural heritage. It is considered, reiterating the assumptions about the topic, that the construction of the building broke the traditional pattern in relation to hospital architecture, reflecting the nursing education and the place of the feminine in the Estado Novo. Based on diverse historical documentation, the article highlighted the significant effects of the modernization of the Brazilian State reflected in architecture and nursing, reiterating the primacy of the modernist building as a heritage of hospital architecture in post-1930 Brazil.

Keywords: History of Health; Architectural Cultural Heritage; São Paulo School of Nursing.

Introdução

Como instituição anexa à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo a Escola de Enfermagem constituiu a 11ª obra modernista da capital edificada entre 1943 e 1947, tornando-se ícone da arquitetura hospitalar brasileira. A iniciativa seguiu princípios da arte de construir edifícios propostos por Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965) ou Le Corbusier, vale dizer, planta livre, fachada livre, janela em fita, pilotis e terraço jardim como princípios. Sintomaticamente, em 1936, o arquiteto viajou para o Rio de Janeiro e entre outros compromissos orientou o projeto do prédio do Ministério da Educação e Saúde – MES, reverberando o conceito dos cinco pontos à arquitetura hospitalar e impactando na memória edificada do patrimônio cultural da saúde e da assistência no Brasil pós-1930.

A necessidade de ampliação do contingente profissional norteou a organização da Escola de Enfermagem a partir de acordos bilaterais, destacadamente, os apoiados pela Fundação Rockefeller no entorno da saúde e da prática médica em São Paulo. Sua edificação

¹ Doutor em História pela UNESP, Assis (2003) com Pós-Doutorado em História da Enfermagem pela EE/USP/FAPESP (2006-2010). Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo (2012-2024). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação – LEER/USP. pfsouzacampos@hotmail.com

exaltou o modernismo arquitetônico e a modernidade da profissão, política e ideologicamente disseminada como apropriada às mulheres. A materialização do planejamento espelhou alterações no ensino da enfermagem no Brasil, requalificando “a nova profissional” em torno das mudanças paradigmáticas decorrentes da fundação do curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1942 (BONINI, 2014; GOULART, 2020; SANTIAGO, 2011; TAKASHI, 2011).

Outras escolas foram apoiadas pela Fundação Rockefeller a partir do Serviço Especial de Saúde Pública – SESP criado no pós-1930 como parte dos acordos bilaterais entre Brasil e Estados Unidos e incentivados financeiramente pela Fundação Rockefeller (CAMPOS, 2006). A supervisão das enfermeiras norte-americanas possibilitou, nessa retomada, a criação da Escola de Enfermagem de São Paulo, bem como, no mesmo ano, da Escola de Enfermagem do Estado do Rio Janeiro, localizada em Niterói, da Escola de Enfermagem de Manaus, em 1946 – a primeira da região amazônica –, da Escola de Enfermagem do Recife, em 1949, no estado de Pernambuco, e da Escola de Enfermagem de Porto Alegre, em 1950, no estado do Rio Grande do Sul, todas como resultado do “efeito demonstração” que norteou o novo impulso modernizador do Brasil, motivado pela crise da saúde nos anos 1940, inclusive, como uma das prioridades das políticas públicas do Estado Novo (1937-1945) (CARVALHO, 2008; CASTRO SANTOS; FARIA, 2010, p. 93).

Todavia, cabe destacar que a Escola de Enfermagem de São Paulo tornou-se emblemática por redimensionar a formação profissional e a centralidade do movimento associativo, anteriormente vinculado à tradicional Escola de Enfermagem Anna Nery, na capital carioca, fundada em 1923, organizada, do mesmo modo, por enfermeiras norte-americanas vinculadas à Fundação Rockefeller como parte da “Missão Parsons” entre 1921 e 1931 (BARREIRA, 1997). Mesmo reconhecendo a importância histórica da instituição-modelo, a enfermagem em São Paulo compõe uma política de desmonte do considerado inoperante e desatualizado padrão de formação profissional à época, radicalmente transformado nessa retomada, pois centrado no atendimento hospitalar, pautado em novas tecnologias hospitalares e em novos produtos farmacêuticos, atravessando potencialmente a formação de seus agentes e transformação de suas instituições de saúde, prioritariamente, os hospitais (AMORA, 2006). Com efeito, a Escola de Enfermagem de São Paulo assumiu o controle do único veículo de divulgação científica e instituiu o principal evento do campo ainda hoje realizado, inaugurando, assim, uma nova história da enfermagem brasileira na Era Vargas (SOUZA CAMPOS; OGUISSO, 2013).

O modernismo do planejamento da Escola de Enfermagem reverberou o ideário projetado à profissão e o lugar de São Paulo na história do patrimônio arquitetônico hospitalar no Brasil (MOTT; SANGLARD, 2011). Desde sua origem, o edifício constituiu-se como espaço repleto de simbolismos modernizadores no qual mulheres assumiram liderança e protagonismo, entre elas, Edith de Magalhães Fraenkel, Maria Rosa Sousa Pinheiro, Glete de Alcântara, Haydee Guanais Dourado e suas colegas docentes e alunas, destacadamente, as irmãs Amália Correia de Carvalho e Anayde Correia de Carvalho, além de Josephina de Mello, Lydia das Dores Mata, Wanda de Aguiar Horta, Taka Oguisso, entre

outras intelectuais brasileiras que mantiveram, por sucessivas gerações, a cultura feminina como arte, ciência e ideal, cujas ações projetaram nacional e internacionalmente a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CARVALHO, 1980; SECAF; COSTA, 2007). O poder de decisão conferido academicamente às mulheres consubstanciou, ainda mais, os efeitos de sentido atribuídos à modernização do Brasil durante o governo de Getúlio Vargas a partir de São Paulo, assim, contribuiu poderosamente para “formular um projeto de emancipação das mulheres” como analisou Bila Sorj (2019, p. 99) ao explorar as ambiguidades e as tensões presentes na teoria social feminista, pois coube às mulheres posição de destaque na organização da vida social mais ampla no âmbito em que se insere.

O acervo do Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana – CHCEIA/EE/USP, consultado durante a pesquisa documental, revelou-se imperioso à história e à memória não apenas da Escola de Enfermagem de São Paulo, mas da institucionalização acadêmica da enfermagem brasileira. Todavia, como recorrente, os registros que preservam essa memória inspiram cuidados na medida em que invisibilizados, ilustrativos e inoperantes diante do potencial legado, pois sem tratamento adequado a um arquivo permanente. Mesmo que outros acervos tenham sido consultados como o setor de obras raras da Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública e o Museu da Medicina da Universidade de São Paulo, importa ressaltar que o CHCEIA guarda registros de uma mudança paradigmática do ensino da enfermagem no Brasil, sobretudo, do lugar do feminino no campo das ciências médicas, isto é, de mulheres enfermeiras como cientistas da Universidade de São Paulo (SOUZA CAMPOS; OGUISSO, 2013).

Seguindo os caminhos indicados por Maria Lucia Mott (MOTT; SANGLARD, 2011), a análise dos registros possibilitou refazer o passado em relação ao patrimônio histórico-arquitetônico da saúde, bem como associá-lo à modernidade da enfermagem como profissão, tratando a história da enfermagem como história das mulheres. Os documentos consultados referendaram autores citados, os quais, nessa medida, consideraram a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo um ícone modernista na construção hospitalar brasileira, cujo edifício, aliado à historicidade da profissão, simbolizou tanto a ruptura da arquitetura hospitalar existente, quanto do modelo de formação profissional anterior a 1930 e, nesse processo, do lugar do feminino na história das ciências médicas no Brasil a partir da cidade de São Paulo.

Escola de Enfermagem de São Paulo: patrimônio cultural da saúde e da assistência no Brasil

Na década de 1940 o Hospital das Clínicas e a Escola de Enfermagem, ambos anexos à Faculdade de Medicina, ampliaram o conjunto arquitetônico acadêmico-institucional da Universidade de São Paulo no âmbito das ciências médicas tombado pelo CONDEPHAT, em 2007, como “quadrilátero da saúde”. Antes da existência dos dois equipamentos São Paulo recebeu investimentos provenientes da Fundação Rockefeller direcionados às primeiras construções históricas, a saber, Faculdade de Saúde Pública, Instituto Oscar Freire de Medicina Legal e Criminologia e Faculdade de Medicina da

Universidade de São Paulo (FARIA, 2007; MOTA; MARINHO; CAMPOS, 2015; MOTT; SANGLARD, 2011). Em outras palavras, a prática médica em São Paulo foi financiada pela agência estatal e filantrópica americana, movimento do qual deriva a representação de “cidade laboratório”.

Como reafirmou Emiliane Silva Santiago (2011), “Apesar do Conselho Administrativo da Escola, do CTA da Faculdade de Medicina e do Conselho Universitário terem se pronunciado a favor da desanexação, no final de 1962, essa somente foi efetivada em dezembro de 1963, pelo Decreto Estadual nº 42.809/63” (2011, p. 25), ou seja, durante os vinte primeiros anos de existência, a unidade da instituição universitária figurou como Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, também nomeada como Escola de Enfermagem do Centro Médico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A organização da construção do edifício, divulgada na imprensa local, noticiou sua importância, como segue:

Pelo sr. Interventor Federal foi assinada a seguinte resolução: “Considerando que a cláusula 3a do contrato assinado em 25 de junho de 1943 (Livro 20, fls. 59), na Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública constituiu uma comissão de construção do edifício da Escola de Enfermagem: Considerando que essa comissão já estabeleceu a localização e planos do edifício e já abriu concorrência para a execução das obras, Resolve: designar a seguinte comissão de construção da Escola de Enfermagem dr. Benedito Montenegro, como presidente; sr. Herman Baituy, como representante do Serviço Especial de Saúde, e dr. Alfredo Barros do Amaral, como representante da Secretaria da Viação; dr. Harold Chope, como representante da Fundação Rockefeller e d. Edith de Magalhães Fraenkel como secretária [...]” (COMISSÃO..., 1944, p. 3).

A edificação do prédio considerou em seu planejamento dependências necessárias a uma escola de enfermagem, pois dispunha de alojamento às alunas mesmo que o novo espaço educacional aceitasse homens em regime de internato com capacidade para 182 internos, incluindo diretoras, inspetoras, corpo docente e pessoal técnico-administrativo. Além oferecer quartos com sacada equipados com cama, armários e um pequeno lavatório, hoje transformados em salas de professores, secretarias, salas de reuniões, dentre outras destinações departamentais, o planejamento do prédio contemplou biblioteca e anfiteatro, no qual se mantinha um piano, salas de aulas teóricas e práticas, salas para laboratórios e um amplo refeitório com cozinha ligado ao jardim interno, marcado por pilotis e paredes envidraçadas do piso ao teto. Em todos os andares havia sanitários equipados com instalações para banho e higiene pessoal; no subsolo, salas destinadas aos serviços de administração e espaço para o Centro Acadêmico. Destacadamente, o planejamento apresenta dois jardins, o interno e o suspenso, no *rooftop*, atualmente ocupado pelo CHCEIA. Sua construção inovou a arquitetura hospitalar e exaltou os cinco pontos da arquitetura modernista inspirada em Le Corbusier.

As chamadas “zonas funcionais” refletiram os princípios renovadores que nortearam a construção hospitalar no Brasil pós-1930, ou seja, da modernista “arquitetura da

saúde". As referências projetuais delimitaram como premissas a organização dos fluxos, a ordenação das funções e hierarquização dos serviços, elementos que transbordaram do desenho da Escola de Enfermagem de São Paulo e que se denotaram, nesse processo, em projetos hospitalares assinados pela "escola paulista de arquitetura moderna" em sintonia com os parâmetros de modernidade que se desenvolviam no Brasil. Diante das constatações, é possível reiterar que o desenho da Escola de Enfermagem de São Paulo inspirou arquitetos brasileiros, destacadamente, Rino Levi, arquiteto que projetou construções hospitalares não somente no Brasil pautadas na organização dos ambientes por meio de uma "setorização de usos" como "procedimentos projetuais" (AMORA; COSTA, 2019, p. 143; COSTEIRA; COSTA, VICENTE, 2023).

O desenho vencedor do concurso para a construção da Escola de Enfermagem evoca Peter Pfisterer, arquiteto de origem suíça que "em 1933 imigrou para os Estados Unidos, trabalhando no escritório de Richard Neutra, [...] arquiteto-chefe do SESP – Serviço Especial de Saúde Pública" (MIURA, 2011, p. 3), planejou o edifício, cuja construção, entregue à empresa Lindenberg & Assumpção, marcou a arquitetura hospitalar no Brasil a partir de São Paulo. Ao mostrar como ocorreu a transformação dos espaços de saúde na capital paulista Renato Gama-Rosa Costa (2011) mencionou a Escola de Enfermagem de São Paulo, afirmando que o planejamento "saiu do padrão" da Faculdade de Medicina, nesse ponto, em alusão à proposta clássica que norteou o projeto encaminhado por Ernesto de Souza Campos (SOUZA CAMPOS, 1942), engenheiro-médico e professor da Faculdade de Medicina², como destacado:

Ernesto de Sousa Campos, velho conhecido da Fundação Rockefeller, chegou a apresentar um projeto que procurava trazer contemporaneidade ao conjunto das clínicas, mas tendo ainda como referência um bloco em L, com uma ala de oito pavimentos e outra de dois [...]. No entanto, dessa vez, ocorreu o inverso: sua proposta foi preterida no lugar do projeto de Peter Pfisterer, legitimamente norte-americano, mas que adotava referências de outra fonte da Europa [...] associado ao Movimento Modernista de influência corbusiana, com concreto aparente, pilotis no pavimento térreo, elementos vazados como revestimento de fachada, auditório em corpo separado e cobertura em arcos em forma de parábola. Esse pequeno projeto surgiu como bom contraponto ao que existia no complexo das clínicas, especialmente por ter rompido com a tradição até então reinante [...] (COSTA, 2011, p. 52-53).

² Ernesto de Souza Campos, nascido na cidade Campinas, em 21 de setembro de 1892, iniciou seus estudos no Colégio Americano, Rio de Janeiro, projetando-se para uma vida dedicada a esse mister, tornando-se importante engenheiro formado pela Escola Politécnica de São Paulo, em 1906, desenhando, entre outros, o prédio da Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1918, aluno da primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo, criada em 1913, acumulou a formação unindo as duas ciências em prol do desenvolvimento do conhecimento científico no Brasil a partir da Universidade de São Paulo, na qual tornou-se catedrático em 1925, assumindo a posição de Diretor, bem como de mediador entre a instituição e a Fundação Rockefeller. "Souza Campos tinha as credenciais de erudição de seu tempo e fez da formação e da carreira acadêmica uma plataforma para cumprir sua missão como 'profissional da ciência' no encaminhamento do país para a modernidade, que abarcou a atuação nas áreas médica, política e educacional" (MAIA, 2017, p. 12).

Priscila Miyuki Miura reiterou que “Embora Pfisterer não configure como um dos atores no cenário da arquitetura no Brasil, e como consta, este tenha sido seu único projeto em terras brasileiras, esse prédio é considerado um dos primeiros edifícios modernos da cidade de São Paulo” (MIURA, 2011, p. 8). A arquitetura da Escola de Enfermagem de São Paulo contrastou com o modelo neoclássico da Faculdade de Medicina, de autoria do engenheiro-médico, imprimindo novos significados ao patrimônio arquitetônico paulistano em torno da saúde, da assistência e do cuidado em consonância com impulsos também renovadores voltados à formação profissional em enfermagem no início do século XX, fundamentalmente, em relação à saúde pública hospitalocêntrica, mas distante da noção de coletivo, pois ainda segregador ao delimitar precisamente os lugares do público e do privado, como um correlato da vida social (PAIN; ALMEIDA FILHO, 1988). Mesmo assim, é possível considerar que o “pequeno projeto” constituiu-se ícone arquitetônico modernista no âmbito hospitalar brasileiro, vale dizer, marco na história da arquitetura, da enfermagem e da história das mulheres.

Como sinalizado por autores consultados, a construção do edifício refletiu rupturas tanto da arquitetura hospitalar quanto da formação profissional em enfermagem. No que se refere ao planejamento de construções hospitalares, a mudança se desvinculou dos antigos paradigmas na medida em que não mais preestabeleceu formas cristalizadas e preexistentes, mas considerou elementos externos como topografia, ventilação e espaço circundante na concepção do planejamento arquitetônico, sobretudo os elementos internos como a questão acústica, os processos de limpeza, a locomoção de pessoas, instrumentais médico-hospitalares, automóveis, valores modernos presentes no desenho de Peter Pfisterer. Em relação à enfermagem, ao desarticular o antigo padrão de ensino, à época, preso a uma ilustração ritualística, sem referir o desenvolvimento científico e tecnológico do campo da prática médica, a construção da escola reverberou a modernização do Estado nacional brasileiro. Por seu vínculo com a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e com o Hospital das Clínicas, amplamente divulgadas pela imprensa paulistana como instituições modelares em dimensão sul-americana, o planejamento e a construção da Escola de Enfermagem ampliaram os elos existentes, como segue:

A Faculdade de Medicina de S. Paulo, estabelecimento de ensino superior que, pela sua organização e suas instalações, é considerado o melhor do continente sul-americano, ressentia-se de uma falha, que muito dificultada o desenvolvimento de seu vasto programa científico: a falta de um hospital de clínicas onde os allumnos das suas diferentes séries pudessem obter a prática necessária ao exercício de sua profissão. Quando a Fundação Rockefeller doou ao Governo de S. Paulo vultuosa quantia para auxiliar a construção do monumental edificio em que a Faculdade de Medicina se instalou, ficou acordado que ao Estado caberia a construção de um hospital de clínicas que seria annexado ao mesmo estabelecimento. O actual Governo de Estado vae realizar agora essa parte do acordo com aquela humanitária instituição norte-americana. O Sr. Adhemar de Barros, Interventor Federal no Estado, vem acompanhando muito de perto a construção do Hospital de Clínicas, que é uma das principais realizações de seu governo (HOSPITAL..., 1944, p. 3).

As narrativas que exaltaram os equipamentos e os espaços ocupados pela prática médica em São Paulo permaneceram com a construção da Escola de Enfermagem. Sua edificação, considerada um marco em relação ao padrão arquitetônico hospitalar existente, isto é, voltado para o interior em prédios tradicionalmente construídos em L, escuros e fechados, desvelou novo paradigma ao planejamento arquitetônico de edifícios hospitalares, estabelecendo uma relação diametralmente oposta aos tradicionalismos arquitetônicos vigentes, projetando espaços internos e externos abertos com grandes vãos livres, utilizando vidros, concreto aparente e outros elementos arquitetônicos modernistas, nessa medida, tratando a locação do objeto arquitetônico frente à paisagem circundante e não impondo formas preexistentes (POLIZZO, 2010; MIURA, 2011).

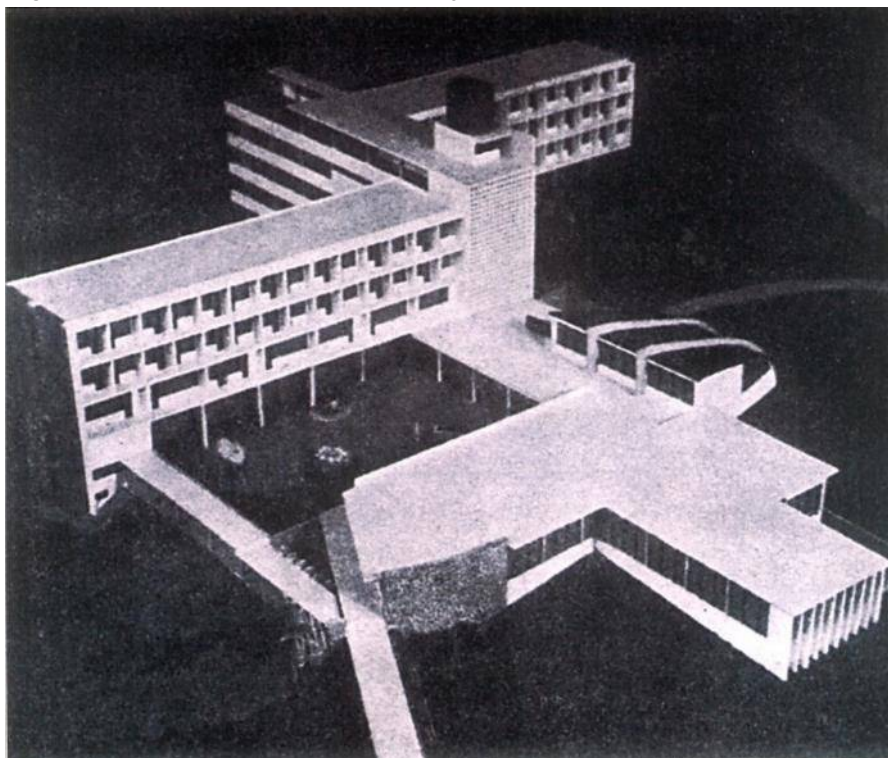
Para Ana Paula Polizzo “As grandes janelas corridas resultantes possibilitavam a concepção de um limite por vezes impalpável entre interior e exterior, através da ampla apreensão da paisagem circundante à arquitetura” (2010, p.98). Presentes no planejamento da Escola de Enfermagem de São Paulo, tais elementos arquitetônicos são evidenciados em grandes vãos abertos, fachadas livres sustentadas por pilotis, paredes inteiras como janelas além de jardins, destacadamente, o suspenso. Mesmo com percalços decorrentes da construção civil, que exigiu reparos nos anos subsequentes à sua fundação devido às infiltrações e outros reparos de eletricidade, duramente denunciados pelas dirigentes, professoras e alunas, o planejamento reverberou historicamente o rompimento com modelos tradicionais de arquitetura hospitalar, espelhando a renovação de espaços hospitalares no Brasil.

O discurso de limpeza, o funcionalismo das rotinas e economia do tempo do *staff* atravessaram a arquitetura hospitalar da qual emergiu a Escola de Enfermagem de São Paulo, refletindo os ideais de modernidade implementados durante o Estado Novo. Conforme destacam autores consultados, na década de 1940, o Brasil se tornou referência mundial em arquitetura moderna, exaltada na exposição do Museu de Arte Moderna de Nova York intitulada *Brazil Builds*, em 1942, considerado “a meca da arquitetura moderna mundial” como analisou Nivaldo Vieira de Andrade Junior (2019, p. 173). O ideário social alinhado ao programa de desenvolvimento para o País atribuiu à arquitetura a materialidade da “atitude moderna” pós-1930, cujos efeitos de sentido atingiram a saúde, no caso, em destaque, a enfermagem, não obstante, ampliando a modernidade centrada nas mulheres, no poder de suas decisões como profissionais, acadêmicas, cientistas.

Panfletos e boletins publicados pelo SESP e reproduzidos em outros meios de divulgação, como os jornais da imprensa paulistana, destacaram a arquitetura modernista, os ambientes do prédio e suas instalações em suas notícias, artigos e manchetes, ampliando os efeitos de sentido modernizadores atribuídos à nova enfermagem, nessa altura, acadêmica, científica, em completo alinhamento com a Organização Panamericana de Saúde – OPS. A correspondência à modernização aproximou o planejamento arquitetônico de hospitais do conceito de saúde pública que reformulou a prática médica e a formação profissional nos Estados Unidos, espreado-se por toda a América como política de boa vizinhança (PAIN; ALMEIDA FILHO, 1998; TOTA, 2000).

A arquitetura modernista da Escola de Enfermagem amalgamou o preconizado em saúde pública ao expressar a relação prédio-paisagem, construção-natureza, rompendo o padrão arquitetônico hospitalar hegemônico considerado melancólico, voltado para o espaço interno, escuro e com pouca ventilação e acústica. O novo espaço de formação profissional reverberou o rompimento com a enfermagem-padrão vinculada à Escola de Enfermagem Ana Nery, destacadamente, no que se refere às distinções de gênero, raça e classe, atravessando em potência a história da enfermagem no Brasil, alterando, significativamente, a profissão pós-1930, mas não sem resistência. As narrativas divulgadas sobre o edifício exaltaram a modernidade das instalações, e assim, adjetivos como “novo”, “imponente”, “moderno” eram usados na intenção de atrair moças e moços bem instruídos e formalmente educados para disseminar as novas dimensões da enfermagem em território brasileiro, nas primeiras turmas, todos Bolsistas SESP (SOUZA CAMPOS; OGUISSO, 2013).

Figura 1 – Maquete da Escola de Enfermagem de São Paulo (1944)



Fonte: Revista Médico-social. Museu da Medicina da Universidade de São Paulo.

Como resultado da política de boa vizinhança efetivada no bojo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), durante o governo de Getúlio Vargas, a construção do edifício marcou radicalmente a enfermagem, refletindo o ideário de modernidade do programa de

desenvolvimento para o País. O Programa de Enfermagem³, pilar do Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, agência brasileira criada pelo acordo bilateral com os Estados Unidos, intermediado pelo *Institute of Inter-American Affairs* – IAIA, da Fundação Rockefeller, promoveu as mudanças (CAMPOS, 2006; SOUZA CAMPOS; OGUISSO, 2013). A nova formação profissional refletiu o modernismo que inspirou a construção do prédio da Escola de Enfermagem de São Paulo.

O jardim suspenso no *rooftop* se destacou entre os cinco pontos da arquitetura modernista na construção do prédio. Evidenciados nas fachadas leste e norte, o volume retilíneo das fachadas livres e os pilotis como elementos orgânicos sistematizados por um novo paradigma arquitetônico, “sintonizado com as últimas criações e renovações da arquitetura que [não] houve nos prédios da Faculdade de Medicina e do Hospital das Clínicas” (SÃO PAULO, 2005, p. 19), projetaram os elementos modernistas no planejamento da arquitetura hospitalar. Diante do conhecimento específico, como atestam os autores-arquitetos consultados, a construção do prédio impactou poderosamente a história do patrimônio cultural da saúde no Brasil (COSTA, 2011; MIURA, 2011; POLIZZO, 2010).

O planejamento arquitetônico extrapolou a questão funcional, possibilitando a existência saudável do uso de espaços ensolarados e higiênicos, pois segundo Le Corbusier “o tipo destes jardins no ar parece-me a fórmula moderna e prática de usufruirmos do ar e estar ao alcance imediato do centro da vida” (2004, p.105). Assim, a correlação entre o modernismo da arquitetura e a modernidade da enfermagem se desdobrou como política pública decisiva à manutenção do Programa de Enfermagem implementado durante o Estado Novo. Arquitetura e ensino reverberaram o alinhamento da enfermagem com as transformações modernizadoras do estado nacional no campo da formação em saúde e das práticas médicas nos Estados Unidos trazidas para o Brasil (CASTRO SANTOS; FARIA, 2010; MAYBERRY, 2011; PAIN; ALMEIDA FILHO, 1998). A documentação consultada revela a historicidade de sua construção:

A Escola de Enfermagem de São Paulo constitui um marco da saúde pública nacional e é também um magnífico exemplo do quanto pode a cooperação entre países amigos. Através do Serviço Especial de Saúde Pública o Programa Cooperativo de Saúde nas Américas pode levar uma substancial cooperação na construção do equipamento da modelar instituição que já vem exercendo uma

³ O Programa de Enfermagem foi instituído no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945). Enfermeiras dos Estados Unidos atuaram como consultoras em um movimento de retomada da profissionalização da enfermagem brasileira, rompendo com o padrão de formação profissional vigente considerado, nesse processo, política e economicamente inoperante do ponto de vista da modernização do estado nacional, pois defasado em relação às novas tecnologias hospitalares, preso a um serviço combinado de educação e cuidados, sobretudo, por restringir o contingente profissional ao atribuir à arte e à ciência do cuidado uma elitização contraproducente, excluindo a homens e a mulheres negras do exercício da enfermagem. Em conjunto, os valores do antigo padrão não se coadunavam com os propósitos encetados pelo programa de modernização do Brasil durante o governo de Getúlio Vargas.

influência benéfica sobre a enfermagem brasileira (SERVIÇO..., 1946, p. 3).

O projeto e a construção da Escola de Enfermagem de São Paulo foram iniciados em consequência de um acôrdo, como afirmamos acima, entre Governo do Estado de São Paulo e o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Estavam ambos interessados na instituição de um grande centro para treinamento de enfermagem na capital paulista, onde as enfermeiras brasileiras pudessem ser adequadamente preparadas em curso de três anos, ligados ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. De acôrdo com as cláusulas do contrato, o SESP faria projeto e orientaria a construção e o Estado de São Paulo tomaria a seu cargo o equipamento e a operação da Escola (SERVIÇO..., 1948, p. 4).

Evidências históricas reforçam que a Escola de Enfermagem não somente alterou a arquitetura hospitalar, mas a orientação profissional existente, pois redimensionou o viés educador-sanitarista para acadêmico-científico centrado na prevenção, na atuação hospitalar, no gerenciamento dos serviços de enfermagem, considerando o ensino de disciplinas anteriormente tratadas como não correlatas, quais sejam, Psicologia, Antropologia e História, avaliadas, nessa retomada, como fundamentais à formação profissional da nova enfermeira, pois interdisciplinar. Ainda que segregacionismos de gênero, raça e classe permanecessem como iniquidades entre público-privado, o novo modelo de ensino desvinculou a orientação da antiga mística centrada em ritos e emblemas que não mais correspondiam às demandas existentes, pois, nessa medida, excludentes, elitistas, atrelados a mitos glorificadores no entorno da enfermagem de guerra, logo, contraproducentes em relação aos interesses da indústria hospitalar americana no que se refere à ampliação do mercado consumidor de produtos hospitalares em países das Américas, gerando outras importantes divisas.

Os incentivos norte-americanos impactaram o processo de americanização do Brasil, visto como canteiro de obras sanitárias planejadas e orientadas à americanização remodeladora da prática médica e dos comportamentos da sociedade brasileira, principalmente em São Paulo, ao que se refere o presente artigo, a partir da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Saúde Pública, vale reiterar, ambas financiadas pela Fundação Rockefeller (FARIA, 2007; MARINHO, 2001). Conforme destacaram os autores consultados:

No início deste século, com o célebre Relatório Flexner, desencadeia-se nos Estados Unidos uma profunda reavaliação das bases científicas da medicina, que resulta na redefinição do ensino e da prática médica a partir de princípios tecnológicos rigorosos. [...] Na década de quarenta, como uma consequência de processos externos e internos ao campo da saúde, [...] articula-se nos Estados Unidos propostas de implantação de um sistema nacional de saúde. [...] No nível da estrutura organizacional, propõe-se a abertura de departamentos de medicina preventiva, substituindo as tradicionais cátedras de higiene, capazes de atuar como elementos de difusão dos conteúdos de epidemiologia, administração de saúde e ciências da conduta até então abrigados em escolas de saúde pública (PAIN; ALMEIDA FILHO, 1998, p. 303).

Novos paradigmas em saúde reforçaram o elo interamericano, reverberando o *slogan* “doenças não conhecem fronteiras” como argumento usado para o estabelecimento de acordos bilaterais no entorno da saúde pública, vale dizer, como resultado da política de boa vizinhança durante o Estado Novo (TOTA, 2000). Um dos registros fotográficos existentes no CHCEIA destacou Nelson Rockefeller no pátio de obras da construção do prédio da Escola de Enfermagem de São Paulo em uma de suas viagens pela América Latina. Sintomaticamente, a imagem revela Edith de Magalhães Fraenkel, enfermeira que liderou o processo de institucionalização da Escola de Enfermagem de São Paulo, que emerge do fragmento congelado como única mulher entre homens, desvelando o papel do feminino no Estado Novo, mas também sinalizando como as mulheres souberam manter seus lugares de controle e de domínio secular do cuidar-cuidado na modernidade, resistindo e negociando diretamente com homens. Como salientado por Bila Sorj, “Visto em perspectiva, o feminismo integra um longo processo de mudanças que envolveu a emancipação dos indivíduos das formas tradicionais da vida social” (2019, p. 98).

Figura 2 – Nelson Rockefeller e Edith de Magalhães Fraenkel (1942)



Fonte: Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana.

Ainda que pela via do “feminismo tático” (SOIHET, 2006), ou seja, por intermédio de ações de mulheres brancas privilegiadas ou mesmo que a partir da reificação histórico-colonialista do *American way of life* fortemente disseminado pela elite republicana no Estado Novo, a história da enfermagem permitiu considerar que Escola de Enfermagem de São Paulo demarcou ruptura com o antigo padrão que regia a formação profissional no Brasil, nesse sentido, ideologicamente desfavorável. A implantação do Programa de Enfermagem amplificou o protagonismo feminino na história das ciências da saúde, no caso,

como acadêmicas da Universidade de São Paulo, docentes da Escola de Enfermagem de São Paulo, tituladas mestres e doutoras em instituições norte-americanas em um contexto singular da história das mulheres no Brasil, pois eleitoras.

O impacto da Fundação Rockefeller na promoção da ciência e da prática médica preventivista, fundada no modelo clínico hospitalocêntrico, transformou o campo da saúde ao deslocar a prática médica de uma epistemologia centrada no indivíduo para o estudo das populações, da epidemiologia, nesses termos, amparada por uma nova tecnologia hospitalar, farmacêutica e laboratorial (PAIN; ALMEIDA FILHO, 1998). A Escola de Enfermagem espelhou a ampliação de novos paradigmas em saúde pública em escala panamericana, no Brasil, sua maior realização. A presença de Nelson Rockefeller na construção da Escola de Enfermagem em uma visita técnica, isto é, de reconhecimento das aplicações financeiras da Fundação Rockefeller, exaltou o empreendimento. A imagem de dois homens uniformizados, muito provavelmente da Comissão criada para acompanhar a construção do edifício, mas significativamente da diretora Edith de Magalhães Fraenkel atrela a “cultura feminina da enfermagem” (HALLAN, 2000) ao debate sobre o moderno, pois mulheres se tornaram emancipadas, profissionais, acadêmicas, sem os prejuízos de ordem moral que as cercaram e diagnosticaram-nas como “loucas”, em específico, as que romperam o ideário social masculinamente projetado de mulher-esposa-mãe (SIQUEIRA, 2023).

A construção modernista do planejamento proposto por Peter Pfisterer interessava ao presidente da Fundação Rockefeller, que financiou parte da construção do prédio. Nelson Rockefeller foi membro do Museu de Arte Moderna – MOMA, em Nova York, instituição que organizou a exposição *Brazil Builds*, em 1942. A Escola de Enfermagem amalgamou o modernismo da arquitetura e da modernidade da enfermagem materializada na construção do prédio que preconizou o novo paradigma no campo da arquitetura hospitalar.

Foi a Escola de Enfermagem de São Paulo criada pelo Decreto 13.040, de 31 de outubro de 1942, do Sr. Interventor Federal, Dr. Fernando Costa. De 1942 a 1943 foi o tempo utilizado, quase exclusivamente em organização e preparo prévio do Hospital das Clínicas e da Escola, isto é, estudo do currículo, da técnica de enfermagem a ser adotada, escolha de material etc. Auxiliou a Escola, financeiramente, durante esse período, a benemérita e filantrópica Fundação Rockefeller, com quantia anual de Cr.\$200.000,00, durante três anos, quantia essa que foi utilizada na importação de livros técnicos e material de laboratório assim como na compra de material imprescindível ao início dos nossos trabalhos [...]. (SECRETARIA..., 1944).

As incursões na América Latina possibilitaram a Nelson Rockefeller passagens rápidas em diferentes países a partir de movimentos político-econômicos em torno do combate às epidemias e endemias promovidos, exemplarmente, pela Organização Panamericana de Saúde – OPS como a Conferência dos Ministros das Relações Exteriores das Américas sediada na cidade do Rio de Janeiro, em 1942 (CAMPOS, 2006). A presença do filantropo no pátio de obras tornou-se revelador do lugar assumido pelo empreendimento e das interfaces estabelecidas entre Brasil e Estados Unidos no campo da enfermagem, cujos

acordos transbordaram para a história do patrimônio cultural da saúde e da assistência, logo, do patrimônio histórico-arquitetônico da saúde no Brasil pós-1930.

As narrativas da fundação da Escola de Enfermagem reiteraram que sua construção atendeu a uma “imperiosa necessidade nos meios médicos e científicos do país” como declarou o SESP, isto é, a agência que intermediou o financiamento da 11ª construção modernista da cidade de São Paulo. O espaço educacional reconduziu a enfermagem brasileira formando “enfermeiras chefes” que implementaram o efeito demonstração no desenvolvimento de contingentes atualizados e voltados às clínicas médicas, à epidemiologia, à administração dos serviços de enfermagem, o que permitiu organizar um programa acadêmico inspirado no modelo americano e a partir das novas concepções de saúde e práticas médicas derivadas de uma reavaliação da medicina, como preconizados no *Curriculum Guide* (SOUZA CAMPOS; CARRIJO; CAMPOI, 2020). O planejamento do edifício refletia as mudanças em curso.

A construção do edifício foi assinada no dia 3 de novembro de 1943 e a construção teve início pouco depois. O período de guerra, com a conseqüente falta de recursos humanos e materiais, retardou um pouco a marcha da construção. O custo do edifício é calculado, aproximadamente, em pouco mais de Cr.\$8.000.000,00 (oito milhões de cruzeiros) [...]. Além dessa soma, o Estado de São Paulo ainda concorreu com Cr.\$2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) para a compra de equipamentos e móveis e a Fundação Rockefeller fez um donativo para equipamento especializado. A necessidade de uma Escola de Enfermagem em São Paulo vinha, de há muito, sendo sentida pelos responsáveis. Nos planos para a ampliação da tradicional Faculdade de Medicina e a organização da Universidade de S. Paulo a criação da Escola de Enfermagem sempre esteve presente (SERVIÇO..., 1948, p. 4).

A americanização do Brasil não era algo totalmente inovador na década de 1940 (TOTA, 2000). O tema compunha a agenda das relações internacionais, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), exigindo celeridade nos acordos assinados durante a política de boa vizinhança, por exemplo, no que se refere à construção da Escola de Enfermagem de São Paulo. Importante para os Estados Unidos, mas também para o governo de Getúlio Vargas, o Programa de Enfermagem ampliou possibilidades “daquela magnífica realização”, incluindo formação de engenheiros, sanitaristas e médicos, financiando estudos de sociologia, psicologia e antropologia em consonância com interesses e valores culturais “norte-americanos” e, do mesmo modo, ampliando o mercado consumidor de produtos hospitalares produzidos pela indústria americana em escala transcontinental (CAMPOS, 2006; FARIA, 2007; GOMES, 1996).

O planejamento de Peter Pfisterer, arquiteto da Fundação Rockefeller, revelou nitidamente a aproximação dos elementos da experiência moderna da construção de edifícios a partir dos pressupostos de Le Corbusier, assim como das novas concepções de saúde. Ao estabelecer relação direta do objeto construído com a paisagem circundante a arquitetura modernista substituiu espaços fechados e melancólicos presentes na antiga tradição

arquitetônica. A novidade possibilitou uma presença menos íntima, pois destacou espaços abertos, livres, permeados por grandes vãos arejados, no caso da Escola de Enfermagem de São Paulo, nem sempre compreendidos por suas principais usuárias. Ana Paulo Polizzo assim caracterizou a confluência:

Em primeiro lugar, a noção de térreo livre que é possibilitado pelo uso dos pilotis que eleva o volume arquitetônico do nível do solo, mantendo com ele poucos e rígidos pontos de apoio, possibilitando plena adaptação às condições topográficas do terreno e gerando, através desta manipulação, espaços livres de convivência, estar e repouso nas áreas cobertas sob o edifício. Desta forma, se constrói a possibilidade de circulação por baixo do edifício, sem interrupção do movimento contínuo da ambiência [...] Assim, o edifício pode ser visto por inteiro e, ao mesmo tempo, o observador, descolado do chão, abarca toda a vista do entorno (POLIZZO, 2010, p. 93).

Presentes na 11ª arquitetura modernista de São Paulo o modelo arquitetônico estimulou uma série de novas construções vinculadas à Faculdade de Medicina e ao Hospital das Clínicas. O “pequeno projeto” da Escola de Enfermagem demarcou, assim, um novo paradigma ao planejamento arquitetônico hospitalar. Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar se destacaram nesse processo, projetando o Hospital do Câncer e a Maternidade do Hospital das Clínicas. O complexo das clínicas assumiu a primazia na transformação da arquitetura hospitalar paulistana em relação ao ensino médico-sanitário vigente como analisaram André Mota e Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho (2011).

No caso em específico, o projeto arquitetônico reverenciou a estética modernista em relação à permeabilidade entre indivíduo e mundo social, entre espaço interno e externo. A construção da Escola de Enfermagem de São Paulo constituiu um dos pilares do acordo estabelecido em cooperação bilateral entre Brasil e Estados Unidos, não obstante, a arquitetura modernista reverberou o que havia de mais contemporâneo no mundo, sintomaticamente, no bojo da disseminação de propostas erigidas nos Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna – CIAM, movimento que organizou uma série de eventos com os principais nomes da arquitetura moderna internacional a fim de discutir os vários domínios da arquitetura.

A Escola de Enfermagem de São Paulo possui completas instalações para morada das estudantes. A parte residencial do edifício oferece acomodações para 182 alunas, além de quartos e apartamentos para instrutoras e inspetoras. O máximo de conforto, num ambiente de simplicidade e bom gosto, enseja às estudantes também uma oportunidade para suas atividades sociais e recreativas, após dia cheio de trabalhos. Todos os detalhes foram previstos para que a Escola de Enfermagem na sua parte residencial, ofereça à futura enfermeira um ambiente agradável e sadio. Suas salas de recepção, de leitura, o seu terraço de recreio, tudo obedece a um plano que visa dar às estudantes o ambiente mais propício à sua formação. Uma alimentação, também cuidadosamente dirigida, completará a

finalidade da vida de internato, sob cujo regime se desenvolve a Escola de São Paulo (SERVIÇO..., 1948, p.4)

Como destacado, em 1936, em passagem pelo Brasil, Le Corbusier orientou o projeto do prédio do Ministério da Educação e Saúde – MES. Durante sua estadia desenvolveu planos urbanos para o Rio de Janeiro e outras cidades sul-americanas, reverberando a modernidade arquitetônica como um efeito de sentido da modernização e o abandono das antigas tradições. Com efeito, a inauguração do prédio da Escola de Enfermagem, amplamente noticiada na imprensa paulistana, evidenciou a importância do acontecimento no cenário político entre Brasil e Estados Unidos:

Com a presença do governador do Estado e do sr. Clemente Mariani, Ministro da Educação, além de outras autoridades civis e militares, realizou-se ontem, à tarde a solenidade da entrega pelo Governo Federal ao Governo do Estado, do novo edifício da Escola de Enfermagem de São Paulo. Com a instalação da Escola de Enfermagem junto ao Hospital das Clínicas, que tem capacidade para 1.200 leitos, conta o novo melhoramento com um campo prático de primeira ordem, e, dado seu entrosamento com o Departamento de Saúde Pública e com a Faculdade de Higiene e Saúde Pública, oferece oportunidades excepcionais para as jovens que queiram se dedicar à saúde pública. Durante a solenidade, falaram o ministro Clemente Mariani, sr. Campbell, chefe da Missão Técnica de Assuntos Americanos, representando a embaixada americana, a sra. Edith de Magalhães Fraenkel, diretora da Escola de Enfermagem, e o sr. Ademar de Barros (ENTREGUE..., 1947, p. 2)

Realiza-se hoje, às 14 horas, a cerimônia da entrega ao Governo do Estado do Prédio da Escola de Enfermagem anexa a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, prédio esse construído pelo SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) do Ministério da Educação em colaboração com a Administração Pública. A fim de proceder à entrega do Prédio da Escola de Enfermagem, sito a Avenida Adhemar de Barros, ao lado do Hospital das Clínicas, chegará hoje a esta capital o Ministro da Educação, Sr. Clemente Mariani. À solenidade deverão comparecer o Governador do Estado e Altas Autoridades (INAUGURAÇÃO..., 1947, p. 8).

A Escola de Enfermagem de São Paulo espelhou a modernidade norte-americana e rejeitou padrões anteriormente aceitos impondo uma renovação avassaladora no que se referiu ao trabalho “da enfermeira”, nessa medida, não mais vinculado às figurativizações da enfermagem de guerra, tampouco da assistência religiosa como ação benevolente ou presa a um padrão de ensino inoperante, restritivo, por origem classista, racista e generificado (FERREIRA; SALES, 2019; SOUZA CAMPOS; OGUISSO, 2013). O *american way of life* perpassou o cotidiano brasileiro em diferentes dimensões, fabricando mentes, corpos e comportamentos que atingiram formação e orientação profissional em enfermagem no Brasil.

As noções de modernidade atribuídas a São Paulo, entretanto, evocam discursos que remontam, para além do bandeirantismo, a Revolução Constitucionalista de 1932. Barbara Weinstein (2015) destacou três tipos ou perfis de mulheres que se mobilizaram durante o movimento sendo o primeiro deles as enfermeiras. Ainda que não engajadas diretamente nos combates, mesmo não possuindo formação adequada, mulheres de diferentes classes sociais vestiram o uniforme da enfermagem após cursos rápidos e preparatórios voltados aos primeiros socorros, sobretudo, ministrados pela Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo. Para a autora, a Revolução Constitucionalista de 1932 glorificou a mulher paulista exaltando-a por sua bravura e seu sacrifício em prol da mobilização, desse modo, única verdadeiramente moderna, contudo, na insistência de um tipo de perfil desejado, isto é, brancas abastadas, desconsiderando as negras, bem como as indígenas, que participaram dos esforços de guerra (SOUZA CAMPOS, 2015).

Os atravessamentos das noções de modernidade moldaram as elites paulistas, cujos efeitos transbordaram à arquitetura do prédio da Escola de Enfermagem a partir de perspectivas atualizadas em relação à profissional. Ao projetar o prédio pela tendência modernista inspirada nos cinco pontos da arquitetura proposta pelo grupo dos CIAM, portanto, com estrutura autônoma modulada, destacando elementos próprios ao repertório da arquitetura moderna, Peter Pfisterer disseminou a proposta de Le Corbusier no Brasil (MIURA, 2011). O contraponto dos muros sinuosos de pedra seca em relação à leveza da estrutura reticulada impressionou por seu modernismo e associou o prédio ao novo ensino da profissão e à nova profissional. A propósito de sua construção, o jornal *Estado de S. Paulo* explicitou as qualidades de suas instalações e o arrojo da construção modernista:

Fica ali junto ao Hospital das Clínicas, num amplo, confortável e moderno edifício, construído especialmente para receber as jovens aspirantes a enfermeira, que vêm de todos os recantos do Brasil, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. À primeira vista a escola já impressiona bem. Suas sacadinhas, cada qual correspondendo a um quarto, o gramado da frente, suas linhas simples e modernas, tudo isso lhe dá um aspecto acolhedor e amigo. Na frente ficam as salas de aula, biblioteca e laboratórios, onde as alunas recebem um cuidadoso aprendizado teórico e técnico de todas as matérias do curso. O salão de festas, de teto arredondado, é muito original, com formato de uma grande concha. Aí as alunas dançam, recebem as pessoas amigas. O pátio interno é também agradável e ameno, onde se pode descansar após um longo dia de trabalho, conversar e distrair-se. Os quartos são todos individuais, com armários e estantes embutidos, tudo cômodo, alegre e moderno, com uma ampla janela, e uma porta que dá para a sacadinha. E em cima de tudo, dominando uma vista maravilhosa, o grande terraço, talvez mais belo que os famosos jardins suspensos... (ESCOLA..., 1946, p. 4)

A renovação da arquitetura hospitalar no Brasil encontrou no único projeto de Peter Pfisterer em terras brasileiras um marco à mudança do planejamento arquitetônico, prédio que abrigou o ensino de enfermagem e que rompeu o antigo padrão de formação profissional na medida em que desvinculado de uma memória estanque e esquemática,

crystalizou a história da enfermagem brasileira em torno de uma mística restritiva, pois impediu homens e mulheres negras de ingressarem em escolas filiadas ao padrão vigente, nesse sentido, diametralmente alterado (SOUZA CAMPOS; OGUISSO, 2013).

Figura 3 – Professora com Bolsistas SESP no Jardim Suspenso (1948)



Fonte: Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana.

O novo modelo de formação profissional ampliou o rol de disciplinas inexistentes ou desprezadas pelo antigo padrão como, por exemplo, o ensino da enfermagem psiquiátrica instituindo o Sistema de Filiação, isto é, possibilitando que alunas de outras escolas cumprissem créditos curriculares na Escola de Enfermagem de São Paulo como parte do Programa de Enfermagem. Os objetivos precípuos visaram abranger todas as regiões do Brasil, mas fundamentalmente (re)inserir mulheres negras e homens na formação profissional acadêmica, universitária e científica. Ainda que outras escolas fossem do mesmo modo apoiadas pelo SESP via Fundação Rockefeller, a escola paulista, anexada à Faculdade de Medicina de São Paulo, aglutinou o que havia de mais atualizado e moderno no campo da formação profissional, além de acolher Ella Hasenjaeger, principal consultora norte-americana no Brasil, motivos pelos quais constituiu-se como o núcleo grosso da enfermagem brasileira pós-1930.

No que se refere à arquitetura hospitalar, São Paulo evoca nomes como Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar, arquitetos que disseminaram o modernismo em diferentes objetos arquitetônicos erigidos na cidade antes mesmo da construção da Escola de Enfermagem, exemplarmente, a casa modernista projetada por Gregory Warchavchik, em 1928. Entretanto, não havia uma estrutura arquitetônica hospitalar que reverberasse o modernismo proposto pelo arquiteto da Fundação Rockefeller, Peter Pfisterer, que desenhou o edifício a partir do planejamento inspirado nos cinco pontos da arquitetura proposta por Le Corbusier ou do movimento que o internacionalizou. Portanto, no âmbito da saúde, seu planejamento assumiu o lugar de primazia em relação às concepções existentes, pois diametralmente opostas aos tradicionalismos da arquitetura médica anteriores a 1930 (COSTEIRA; COSTA, VICENTE, 2023; COSTA, 2011; MIURA, 2011; POLIZZO, 2010).

Com o término da Segunda Guerra Mundial várias construções hospitalares emergiram no “complexo das clínicas” atreladas à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, nesse cenário, projetadas por arquitetos interessados no mercado da arquitetura hospitalar. O campo ampliou a atuação profissional e destacou arquitetos paulistanos a partir de Rino Levi que organizou, em 1953, o curso intitulado “Planejamento de Hospitais” no Instituto dos Arquitetos Brasileiros – IAB. Mesmo como uma escola e não efetivamente um hospital a construção da Escola de Enfermagem se filiou ao tema por sua especificidade, pois anexa à Faculdade de Medicina como mostrou Renato Gama-Rosa Costa (2011).

Diante desse quadro, a Escola de Enfermagem de São Paulo se inscreveu historicamente e com primazia na reflexão acerca do conjunto de objetos e edifícios no entorno do patrimônio cultural da saúde e da assistência em São Paulo, bem como de práticas imateriais da assistência e cuidado no Brasil pós-1930. O “pequeno projeto” de Peter Pfisterer, ao lançar um novo paradigma à arquitetura hospitalar, possibilitou, nesse sentido, a retomada do debate sobre o lugar do edifício na história do patrimônio cultural da saúde, da assistência e, do mesmo modo, da cultura imaterial que emana de sua historicidade. A importância de sua construção ampliou mudanças da formação profissional e os efeitos de sentido que derivaram desse processo marcaram poderosamente a história e a memória da enfermagem brasileira, atravessando o debate no âmbito da saúde e atingindo a história.

Jean-Marie Pesez, em 1978, na primeira publicação do livro *La Nouvelle Historie*, afirmou a inexistência de uma proposição exata e universal de cultura material ou do que se supunha sobre “a materialidade associada à cultura” (PESEZ, 1990, p. 180). Para o autor, mesmo como capítulo desprezado da historiografia, sua escrita extrapolou a história das técnicas empregadas no espaço habitado, atravessando, potencialmente, os efeitos derivados do patrimônio enquanto monumento, atingindo, desse modo, transformações sociais e mentais decorrentes de sua materialidade. A noção de memória balizou o debate no âmbito da arquitetura, como destacado:

[...] o patrimônio edificado contrai, no campo de definições conceituais, os paradigmas relacionais oriundos das asserções históricas e arqueológicas; assim, para o reconhecimento do Patrimônio Arquitetônico, as identidades do Patrimônio Histórico e/ou Arqueológico se sobrepõem. Dessas categorias, das

ruínas aos centros históricos; das edificações urbanas aos testemunhos rurais, independentemente da grandeza ou importância da edificação, o que abaliza sua preservação é a condição inerente da memória agregada ao sentido de monumento (FRONER, 2013, p. 244)

Como reiterou Maria Clementina Pereira Cunha ao tratar o conceito de memória como patrimônio histórico e cidadania, as elites brasileiras cristalizaram a ideia de patrimônio histórico como algo “que reside em poucos lugares e pertence a muito poucos” (CUNHA, 1992, p. 9). Dimensão fundamental da cidadania, a preservação do patrimônio como memória histórica assumiu a impreterível tarefa de não deixar esquecer, no caso, do modernismo da edificação de um prédio que projetou a Escola de Enfermagem de São Paulo como ícone tanto da arquitetura hospitalar, quanto do exercício profissional centrado nas mulheres.

O edifício da Escola de Enfermagem conferiu ao prédio o lugar de 11ª construção modernista da cidade de São Paulo. A memória edificada, entretanto, refletiu as novas dimensões culturais da profissão como campo das ciências da saúde femininamente administrado, alterando, em definitivo, o antigo padrão de formação profissional ao reinserir homens e mulheres negras em seus lugares no âmbito da prática médica, objetivo do Programa de Enfermagem, apoiado pelo Serviço Especial de Saúde Pública – SESP. Sua construção espelhou e permanecerá espelhando o patrimônio cultural da saúde e da assistência no Brasil pós-1930, assim como o lugar do feminino no campo da saúde como cientistas.

Considerações finais

Contradições, disputas e embates moveram o mundo social durante o Estado Novo. Assim, muito provavelmente, a renovação paradigmática no campo da arquitetura hospitalar, bem como a nova formação profissional em enfermagem não agradou a todos os envolvidos, tampouco o lugar de primazia assumido por mulheres nesse processo. As mudanças atravessaram a arquitetura, o planejamento, a história do prédio, mas a história da enfermagem como história das mulheres. Como marco na história da arquitetura hospitalar brasileira a memória agregada à existência física da edificação alterou substancialmente a cultura dos cuidados, a orientação profissional e a imagem das enfermeiras, nesses termos, descritas como modernas, intelectuais e cientistas.

Mesmo sob a tensão de grupos opositores presos ao antigo padrão de formação profissional a Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo promoveu mudanças paradigmáticas no processo histórico da enfermagem brasileira, as quais desembocaram como patrimônio cultural da saúde e da assistência na atualidade. O planejamento do prédio transbordou elementos arquitetônicos modernistas, cuja materialidade espelhou o rompimento do padrão neoclássico hegemônico da arquitetura médica e reverberou transformações no âmbito da saúde pública. Nesse ponto, a noção de arquitetura atingiu outras dimensões não somente na arte de construir edifícios, mas na

historicidade de um planejamento que destacou a alteração da enfermagem brasileira, espaço que conferiu lugar de destaque às mulheres como intelectuais vinculadas à Universidade de São Paulo.

Referências

AMORA, Ana M. G. Albano. **O nacional e o moderno**: a arquitetura e saúde no Estado Novo nas cidades catarinenses. Tese [Doutorado em Planejamento Urbano e Regional] – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

AMORA, Ana M. G. Albano; COSTA, Renato Gama-Rosa. (orgs.) **Modernidade na arquitetura hospitalar**: contribuições para a historiografia – v. 1. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2019.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. Arquitetura da saúde e preservação do patrimônio moderno no Brasil. *In*: AMORA, Ana M. G. Albano; GAMA-ROSA, Renato (orgs.) **Modernidade na arquitetura hospitalar**: contribuições para a historiografia, v. 1. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2019. p. 168-193.

BARREIRA, Ieda Alencar. Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil. **Revista de Enfermagem da Escola Anna Nery**, n. 1 (n. esp.), p. 161-176, 1997.

BONINI, Barbara Barrionuevo. **Participação de enfermeiras americanas na profissionalização da enfermagem brasileira**: 1942-1961. 2014. Tese [Doutorado em Enfermagem] – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CAMPOS, André Luiz Vieira. **Políticas internacionais de saúde na era Vargas**: o Serviço Especial de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

CARVALHO, Amália Corrêa de. **A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**: resumo histórico 1942-1980. São Paulo: EEUSP, 1980.

CARVALHO, Anayde Corrêa de. **Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976**. Documentário. ABEn Nacional, 2008.

CASTRO SANTOS, Luis Antonio de; FARIA, Lina. **Saúde & História**. São Paulo: HUCITEC, 2010.

COMISSÃO de Construção da Escola de Enfermagem. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 maio 1944.

COSTA, Renato Gama-Rosa. Arquitetura Hospitalar em São Paulo. *In*: MOTT, Maria Lucia; SANGLARD, Gisele. **História da saúde em São Paulo**: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Rio de Janeiro/Barueri: FIOCRUZ/Manole, 2011. p. 25-64.

COSTEIRA, Elza Maria; COSTA, Renato Gama-Rosa; VICENTE, Erick Rodrigues da Silva. Arquitetura Hospitalar: modernidade e pioneirismo na obra de Rino Levi. **Cadernos PROARQ**, n. 40, p. 138-156, 2023. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/40>. Acesso em: 3 maio 2024.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Patrimônio histórico e cidadania: uma discussão

necessária. *In*: SECRETARIA Municipal de Cultura. **O direito à memória**. Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992. p. 9-11.

ENTREGUE ao governo do Estado o edifício da Escola de Enfermagem de São Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, 01 nov. 1947.

ESCOLA de Enfermagem de São Paulo. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 ago. 1946.

FARIA, Lina. **Saúde e política**: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

FERREIRA, Luiz Otávio; SALLES, Renata B. B. A origem social da enfermeira padrão: o recrutamento e a imagem pública da enfermeira no Brasil, 1920-1960. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, v. 19, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/77966#article-77966>. Acesso em: 2 fev. 2024.

FRONER, Yacy-ara. Patrimônio arquitetônico: conceitos contemporâneos nas cartas do icomos. **Oculum Ensaios**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 243-255, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351732217005>. Acesso em: 1 fev. 2024.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 489-588.

GOULART, Vanessa Alves. **Gente que cuida de gente**: a trajetória de Wanda Horta na arte e ciência do cuidado (1926-1981). 2020. Dissertação [Mestrado em História] – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

HALLAN, Julia. **Nursing the image**: media, culture and professional identity. New York: Routledge, 2000.

INAUGURAÇÃO da Escola de Enfermagem de São Paulo. **Jornal de São Paulo**, São Paulo, 31 out. 1947.

LE CORBUSIER. **Precisões**: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MAIA, Ana Beatriz Feltran. **O apostolado de Ernesto de Souza Campos**: modelos, projetos e espaços universitários (1900-1937). Tese [Doutorado em Educação] – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. **Norte-americanos no Brasil**: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo, 1934-1952. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAYBERRY, Amalia. Lessons from a Brazilian-U.S. Cooperative Health Program: The Serviço Especial de Saúde Pública. **Public Health Reports**, Washington, v. 126, n. 2, p. 276-282, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21387958/> Acesso em: 2 fev. 2024.

MIURA, Priscila Miyuki. Escola de Enfermagem da USP: documentos de sua concepção e questões sobre sua preservação. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO, 9. 2011, Brasília. **Anais** [...]. Docomomo, 2011.

MIURA, Priscila Miyuki. **Quadrilátero da saúde**: espaço de ensino, pesquisa e saúde pública em São Paulo. 2012. Dissertação [Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-01082012-161808/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. O discurso da excelência em solo paulista: marchas e contramarchas na criação e instalação do Hospital das Clínicas (1916-1950). *In*: MOTT, Maria Lucia; SANGLARD, Gisele. **História da saúde em São Paulo**: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Rio de Janeiro/Barueri: FIOCRUZ/Manole, 2011. p. 133-170.

MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C; CAMPOS, Cristina de. **Racionalidades em disputa**: intervenções da Fundação Rockefeller na ciência, medicina e práticas médicas do Brasil e América Latina. São Paulo: USP/UFABC, 2015.

MOTT, Maria Lucia; SANGLARD, Gisele. **História da saúde em São Paulo**: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Rio de Janeiro/Barueri: FIOCRUZ/Manole, 2011.

PAIN, Jairnilson S.; ALMEIDA FILHO, Naomar. Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89101998000400001>.

PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. *In*: LE GOFF, Jacques. **A nova História**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 177-213.

POLIZZO, Ana Paula. **A estética moderna da paisagem**: a poética de Roberto Burle Max. 2010. Dissertação [Mestrado em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SANTIAGO, Emiliane Silva. **Tradição e modernidade**: desanexação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. 2011. Dissertação [Mestrado em Enfermagem] – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico. Processo nº 52.290/2005. Estudo de tombamento do Quadrilátero da Saúde, memória dos investimentos públicos na área da saúde no bairro de Pinheiros. São Paulo, 2005.

SECAF, Victoria; COSTA, Hebe. **Enfermeiras do Brasil**: história das pioneiras. São Paulo: Martinari, 2007.

SECRETARIA Acadêmica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. **Relatório Anual**. São Paulo: EEUSP, 1944.

SERVIÇO Especial de Saúde Pública. **Boletim SESP**, n. 40, 1946.

SERVIÇO Especial de Saúde Pública. **Boletim do SESP**, Número especial, 1948.

SIQUEIRA, Lucciano Franco de Lira. (A)normalidades femininas: as mulheres no compêndio de Pacheco e Silva. *In*: TARELOW, Gustavo Querodia; SOUZA CAMPOS, Paulo Fernando de. **Mentes, corpos e comportamentos**: novos olhares sobre a história da psiquiatria. São Paulo: HUCITEC, 2023. p. 283-311.

SOIHET, Rachel. **O feminismo tático de Bertha Lutz**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (comp.). **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 99-108.

SOUZA CAMPOS, Ernesto de. Escola de Enfermagem do Centro Médico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. **Revista Médico-social**, n. 1, v. 1, 1942.

SOUZA CAMPOS, Paulo Fernando de; OGUISSO, Taka. **Enfermagem no Brasil**: formação e identidade profissional pós-1930. São Paulo: Yendis, 2013.

SOUZA CAMPOS, Paulo Fernando de. Enfermeiras da Legião Negra: representações da enfermagem na Revolução Constitucionalista de 1932. **Faces de Eva: estudos sobre a mulher**, Lisboa, n. 33, p. 53-65, 2015. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852015000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 fev. 2024.

SOUZA CAMPOS, Paulo Fernando; CARRIJO, Alessandra Rosa; CAMPOI, Isabela Candeloro. Escola de Enfermagem de São Paulo: the SESP educational-professional model. **Cad. Pesq.**, São Paulo, v. 50, n. 178, p. 945-963, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/7byC8bcLrhxSMHdVm7wW9Gp/?lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2024.

TAKASHI, Magali Hiromi. **Movimento da enfermagem paulista na década de 1940**: reformulação do ensino profissional. 2011. Dissertação [Mestrado em Enfermagem] – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2011.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WEINSTEIN, Barbara. **The color of modernity**: São Paulo and the making of race and nation in Brazil. Bogart: Duke University Press, 2015.